JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ **Nº 143** OUTUBRO DE 2023 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR

# Cândido

## UM BOM LUGAR

Ao completar 50 anos, o Hip Hop se consagra como um dos gêneros musicais mais ouvidos do mundo e fortalece sua conexão com a Literatura

# Índice

3 ESPECIAL
**Cinco décadas de batidas**
Luiz Felipe Cunha e Maria Coelho

15 ESPECIAL
**A Letra do Poeta**
Arthur Dantas
por Marianna Camargo

23 ESPECIAL NICOLAU
**Gravidade**
David Leavitt
Tradução de Caio Fernando Abreu

33 PENSATA
**Na corda bamba: Existe limite na arte?**
Lorraine Assis

41 CONTO
**White tears**
Susy Freitas

48 ESPECIAL FLIBI
**Cinco perguntas para:**
Multientrevista
por equipe do Jornal Cândido

60 POESIA
**Astor**
Sergio Mello

65 FOTOGRAFIA
**Ritmo & poesia**
Danielle Freitas

# Cinco décadas de batidas

Luiz Felipe Cunha e Maria Coelho

Bface

Vitor Augusto

Historicamente marginalizado, o hip hop completa 50 anos em ascensão, com uma identidade própria no Brasil e uma relação estreita com a literatura

O ano era 1973. As periferias do Bronx, em Nova York, abrigavam o que seria uma revolução. Em uma festa, o *DJ* jamaicano Kool Herc tocou trechos instrumentais e batidas fortes de funk e soul, criando os chamados breaks, que foram acompanhados por letras feitas por um mestre de cerimônia, o *MC*. Nascia ali o *hip hop*, movimento cultural que além do rap, abraçou o breakdance — dança comandada por *b-boys* e *b-girls* que praticam o *break* por meio da expressão corporal —, e o grafite, performance visual em espaços urbanos, formas de manifestação populares entre a juventude periférica que vivia naquela década, principalmente negros.

"O *rap* surge a partir das festas e dos *DJ's* nos anos 1970. Imigrantes jamaicanos promoviam festas nos seus blocos e ali tinham dois toca discos e essa maneira de tocar. Tinha uma pessoa responsável por agitar a festa, um animador mesmo, que era o *MC*. Perceberam que existia um momento de êxtase na pista e que as pessoas chamavam de *breakbeat*, era o momento que a galera mais dançava, a festa fervia, com os *b-boys* e as *b-girls*, que esperavam esse momento pra abrir a roda e mandar seu passo", explica o *rapper* curitibano Bface, sobre o modo como se davam essas manifestações nas festas que marcaram o início do movimento.

Os primeiros nomes de destaque no cenário do *hip hop* foram Grandmaster Flash, Afrika Bambaataa and the Soulsonic Force, Sugarhill Gang, Kurtis Blow e Run DMC. O movimento cultural se espalhou pelo mundo, influenciando a música, a dança, a arte e a sociedade, como uma forma de expressão artística, cultural e política dos jovens periféricos. Atualmente, o *hip hop* é o segundo gênero mais popular no *Spotify*,

com mais de 400 milhões de usuários em todo o mundo, segundo dados da plataforma divulgados neste ano. "O *hip hop* é uma atitude, uma filosofia. Public Enemy fala que o *hip hop* é a televisão dos negros, é aqui que a gente vê o que está acontecendo, é um fórum nacional da quebrada", define o artista e produtor cultural Salve Samuca.

Para Bface, o movimento é uma expressão artística que se deu como uma manifestação orgânica de periferias do mundo inteiro. "É o momento em que as pessoas da periferia se juntam para se expressar artisticamente, aí acontece o *hip hop*, a maneira com que essas comunidades desenvolveram a música, a forma de escrita, de desenhar, dançar, de vestir", descreve. "O *hip hop* tem esses elementos, o *DJ*, o *MC*, os *b-boys* e as *b-girls*, e o grafite. Isso serviu de espaço para essas pessoas marginalizadas se expressarem artisticamente, dentro de um contexto que existia um respeito muito grande pela criatividade e inventividade", ressalta.

Na opinião de Salve Samuca, o gênero atua como uma espécie de protetor das gerações, sobretudo quando se trata da questão racial, replicando ideias e traços de muito antes do surgimento do movimento. "Eu vejo o *hip hop* como esse movimento geracional. A cada geração algumas culturas assumem o protagonismo de proteger a comunidade negra, o samba fez isso pela geração do meu avô, o *hip hop* fez isso pela minha geração. É um movimento que está fazendo 50 anos, mas as coisas que ele traz são muito antigas", disse. "Quem entende culturalmente o que o *hip hop* significa entende que é a continuidade do tango, da música latina, cubana, jamaicana, do samba, do funk. James Brown já era *hip hop* antes do *hip hop*", compara.

Segundo o produtor, há uma continuidade entre os diferentes movimentos ao longo dos anos, e há registros de influências do *hip hop* muito antes dos anos 1970. "Em 1940 já tinha gente fazendo *rap*, haviam vídeos com as pessoas improvisando e fazendo *flow*; gerações diferentes que não se comunicavam tinham a mesma herança", afirma Samuca.

## O hip hop no Brasil

Embora o movimento esteja completando 50 anos de existência, no Brasil ele chegou um pouco mais tarde, no início dos anos 1980. Os *b-boys* costumavam se reunir na estação de metrô de São Bento, em São Paulo, ao som das músicas importadas dos Estados Unidos, para apresentar seus passos de break. Nelson Triunfo foi um dos grandes nomes despontados neste período.

O espaço virou ponto de referência para diversos grupos começarem a dançar o *breaking* e cantar *rap* ao som de toca discos e *boombox*. Posteriormente, a estação de São Bento passou a receber festivais com campeonatos de *breaking*, apresentações de *rap* com *MC's* e *DJ's*, além da performance de grafiteiros.

**Batalha de Pinhais participando da Flibi 2023**

Kraw Penas

Salve Samuca conta que apesar do *hip hop* já acontecer em São Paulo naquela época, o movimento brasileiro foi popularizado por um show internacional ocorrido na capital paulista em 1988. “O que ouvi os mais velhos falarem, o Mano Brown e o KL Jay (Racionais MC’s) que estavam lá no começo, é que houve um dia que o hip hop entrou no Brasil. Ele meio que estava aqui, mas era coisa de “bolha”. Teve um show de um *MC* famoso, o Kool Moe Dee, o *DJ* fez uma virada com o Tim Maia e a galera veio abaixo, reza a lenda que foi nesse dia que o KL Jay resolveu virar *DJ*. Racionais estavam lá moleques, Dexter estava lá moleque, toda uma geração que ensinou para o rap brasileiro a ser do rap estava lá naquele dia e foi impactada. Quando “gringo” usou Tim Maia, eles entenderam que podia ser coisa nossa”, relata.

A partir do momento em que o *hip hop* entra no país, o *rap* passou a ter mais visibilidade e nomes, como Thaíde, Dj Hum, Racionais MC’s, entre outros, que ganharam força a nível nacional abordando em suas letras temas importantes como os problemas sociais presentes nas periferias brasileiras.

O primeiro álbum totalmente de *rap* brasileiro foi a coletânea *Hip-Hop Cultura de Rua*, lançado em 1988 pela gravadora Eldorado e produzido por Nasi e André Jung, integrantes da banda de rock Ira!. O disco trouxe nomes como Thaíde e DJ Hum, MC Jack e Código 13. Bface explica que apesar da gravação do álbum ter sido concretizada, não era essa a realidade dos artistas da época. “O Nasi viu que as coisas estavam acontecendo, os punks, a galera do rock era próxima deles, dali surgiram alguns nomes, e foram começando a incluir o *rap* dentro da indústria, mas nenhuma gravadora do Brasil assinou com artista de *rap*. Salvo o Gabriel o Pensador, todos os maiores sucessos se lançaram de maneira independente até o começo dos anos 2000”, conta.

“A indústria cultural não abraçou o *hip hop* quando surgiu. O *rap* não existia, não tinha nenhum grafiteiro, nem *break*, 30 anos de marginalização dentro da indús-

tria cultural faz a gente estar num abismo em relação aos Estados Unidos e o resto do mundo, existia pouco espaço pro *hip hop* no Brasil", complementa Bface.

Salve Samuca destaca que, nessa época, houve uma forte influência do funk no gênero. "O funk é o movimento mais *hip hop* produzido fora do *hip hop*, que foi influenciado pela estética, pelos valores da cultura". Já nos anos 1990, a influência foi de gêneros como o *pop*, o samba e o rock, trazendo a público nomes como Sabotage e Marcelo D2, entre outros que potencializam discussões políticas dentro do gênero. Nos anos 2000, o *rap* atingiu outro patamar, e ganhou espaço nas plataformas digitais e em grandes festivais, com nomes como Baco Exu do Blues, Djonga, Froid, Projota, Flora Matos, entre outros.

"De 2010 para cá, o *rap* ganhou outra força e se projetou por meio das batalhas de rima. Daí surgiu Emicida, Criolo, e grandes artistas atuais. A maioria vinda da batalha de rima. O Youtube se tornou a mídia que divulgou a nova geração de *rap* nacional", diz Bface.

## Brasil x EUA

Embora tenha ganhado maior destaque com o passar dos anos, Bface considera que, no Brasil, o *hip hop* ainda é um movimento marginalizado quando comparado à sua ascensão nos Estados Unidos. "O *rap* nacional é totalmente desligado da música industrial, totalmente marginalizado, bem diferente do que aconteceu nos Estados Unidos. Aqui havia matérias de jornal contra o *rap*, para marginalizar o movimento, uma coisa difícil de reverter", lamenta.

O *rapper* explica que, apesar disso, o gênero se assemelha ao que é produzido nos Estados Unidos não por uma questão meramente reprodutiva, mas por se tratar de um movimento que tem origem nas periferias e, por conta disso, aborda as mesmas pautas. "Os movimentos surgem do mesmo lugar, dos mesmos pro-

blemas sociais, da periferia. Em essência, o *rap* é igual no mundo inteiro, o grafite também, o *break* também. Eu soube que na Palestina e nos Emirados Árabes o *rap* é o estilo de música mais consumido por essas pessoas que estão em situação de periferia e de guerra, é importante lá, assim como no continente africano, no Japão. Onde tem periferia e existe sociedade desassistida vai brotar o *hip hop*. Aí tem diferenças estéticas, de linguagem, mas existe a referência norte-americana a ser seguida", conta.

Mesmo assim, Bface comenta que alguns artistas brasileiros fogem à regra e se destacam pela originalidade em um movimento tão marcado por influências americanas. "Às vezes surgem alguns artistas alienígenas que não têm nada no mundo parecido, como por exemplo Sabotage. Racionais não tem nada parecido em magnitude e impacto cultural na história do Brasil inteiro. Em essência é muito parecido com "gringos", mas na hora de contar o que acontece, eles contam o que acontece aqui", afirma.

Salve Samuca ressalta que o *hip hop* americano é apenas uma referência, e que os artistas brasileiros sempre souberam imprimir uma identidade própria no gênero. "O primeiro disco dos Racionais só tem *sample* estrangeiro. Você começa a ver elementos da cultura afro-brasileira dentro de uma linguagem que é "gringa", Baco Exu do Blues tem que receber esse crédito enquanto ele ainda está aqui. Ele faz isso muito bem, deixa o *hip hop* com cara de Brasil", ressalta.

Samuca também aponta outro fator de importância no movimento brasileiro: o avanço do protagonismo feminino na cena. "As 'minas' pegaram o microfone de volta: tem a Flora Matos, a Tasha e Tracie, Nina do Porte, Cristal, Irmãs de Pau. Esteticamente, como composição, são letras mais interessantes, podem até estar no padrão estrangeiro, mas estão indo em outra direção. Quem falou nesses últimos 50 anos foram homens negros cisgêneros que precisavam ter voz, mas este período serviu para abrir espaco para outras vozes e que também tem que utilizar o *hip hop* para mudar sua condição", enfatiza.

## O legado do *hip hop* no Brasil

Com o passar dos anos, uma das mudanças foi o acesso a informações sobre o movimento, muito diferente de como foi no início quando o *hip hop* chegou ao Brasil. “Eu demorei para entender muita coisa básica da cultura porque tinha que viver, não tinha como baixar um PDF, não estava conectado, agora a gente está, e tem muita referência”, afirma o produtor.

Bface diz que o *hip hop* deixa um legado para a atual geração de conhecimento, de direcionamento e influência, além de contribuir para a criação de um senso comunitário. “O maior legado é esse elemento do conhecimento, ele está atrelado ao *hip hop*, e eu vejo como direção de vida para muitas pessoas. Tem políticos, estilistas, cineastas. O *hip hop* dá direcionamento de lembrar de ser inventivo, se destacar, proteger sua comunidade, lembrar do lugar que você veio, ter noção de que existem sistemas opressores. Vão tentar de alguma maneira enfraquecer a raiz do *hip hop*, mas ela sempre vai estar lá”, afirma.

“O movimento *hip hop* está muito mais acordado para questões sociais do que outros estilos, e sem contar que outros gêneros estão precisando do *rap* para sobreviver, pois está mais forte do que nunca diluído na cultura pop aqui no Brasil”, acrescenta.

Na opinião de Salve Samuca, o *hip hop* possibilitou que jovens periféricos ganhassem autoestima, além de contribuir para a formação das pessoas, existindo como um agente de transformação cultural e social, o que evitou que boa parte da população periférica entrasse para o crime, por exemplo. “O legado do *hip hop* é inspirar jovens negros e periféricos a serem mais, a molecada está indo para o colégio de trança, uma autoestima que minha geração teve que fingir que tinha. Você se torna articulado, se torna artista, um intelectual, um líder comunitário, acho que nenhuma escola no mundo pode dizer que formou tantos líderes quanto o *hip hop*”, destaca. “O que me privou de ser criminoso era que o *hip hop* era mais interessante”, pontua.

Para os próximos anos, Samuca diz que espera mais autonomia e representatividade. “Não é só a cara

que está no pôster, é quem assina o cheque. Eu gostaria de ver nos próximos 50 anos a conquista de espaços executivos, para melhorar o processo de produção dessa arte. Tenho esperança que a gente possa se tornar os tomadores de decisão, isso é fundamental para que seja autêntico, se não vai ser que nem o Carnaval. O Rio de Janeiro trabalha o ano todo para ter Carnaval, mas quem lucra?", indaga.

## Muita treta para Vinicius de Moraes

Embora a definição de *rap* seja a junção de *ritmo* e *poesia*, o gênero ainda não parece ter encontrado seu lugar como literatura dentro da crítica especializada brasileira. Enquanto vimos o mundo contemplar Bob Dylan com um Nobel por suas canções, em 2016, por aqui é raro vermos nomes como Mano Brown, Emicida ou Criolo citados nas listas de poetas contemporâneos da nossa geração. Para o professor de literatura Marcus Vinícius Soares da Costa, isso acontece porque a academia e a sociedade têm preconceito com o que vêm da periferia, e porque há um certo estigma de violência nas letras *rap*, sem dizer que a maioria dos *rappers* são negros.

Desde que assumiu uma sala pela primeira vez, Marcus contribui para desestigmatizar o que se costuma pensar sobre *rap*, utilizando as letras de artistas como Racionais, Criolo, Baco Exu do Blues e Projota em suas aulas.

"Dentro do *rap* temos uma gama interessantes de elementos literários e uma abordagem variada de assuntos e conteúdos que podem ser trabalhados nas aulas de literatura", diz o professor. "Desde uma análise linguística, reflexões de temas importantes a serem discutidos na sociedade, até o trabalho com as figuras de linguagem, como a metáfora que os *MC's* utilizam para transmitir uma mensagem mais poética", completa. O professor ainda ressalta que é possível trabalhar vários conceitos narrativos, já que muitas das letras contam histórias. E lembra que o *rap* mantém a ligação com o gênero lírico surgido na Grécia Antiga e com movimentos literários da Idade Média, como o Trova-

dorismo, como as cantigas de amor, amizade e escárnio, em que os poemas tinham o acompanhamento de instrumentos musicais.

Dentro do *rap*, esses conceitos literários são colocados à prova nas batalhas de rimas. Tradicionais no meio, as batalhas acontecem com dois *MCs* que competem entre si com rimas improvisadas, sobre uma base musical tocada por um *DJ*. O MC que conseguir apresentar as melhores rimas e conseguir engajar a plateia é o grande vencedor (a).

Mustapha Said, apresentador, professor e um dos organizadores da Batalha de Pinhais, que acontece desde 2013, na região metropolitana de Curitiba, explica que as batalhas são divididas entre *Batalhas de Sangue* e *Batalhas de Conhecimento*. "Ambas as formas têm seu lugar na cultura do *hip hop* e oferecem diferentes experiências", diz Mustapha. "*A Batalha de Sangue* destaca a expressão emocional e a competição baseada na provocação, enquanto a *Batalha de Conhecimento* destaca a inteligência, a criatividade e o domínio cultural."

Embora ambos os estilos sejam apreciados no meio do *hip hop*, a *Batalha de Conhecimento* explora o intelecto, a criatividade e o domínio do vocabulário e da cultura. É mais bem-sucedido, nesse sentido, o *rapper* que oferecer rimas inteligentes e bem elaboradas, mais focadas em mostrar certa erudição do *rapper*, ao fazer referências históricas, literárias, científicas, políticas, entre vários outros temas. Mustapha destaca, que além das metáforas, outros elementos literários são trazidos para as rimas dentro do *rap*, como a repetição sonora para criar ritmo, velocidade e tom de voz, e a hipérbole, como um exagero intencional, para adicionar profundidade, ação e atenção.

"Além disso, o hábito da leitura desempenha um papel crucial no desenvolvimento dessas habilidades", diz Mustapha. "*MC's* que leem regularmente têm acesso a um repertório maior de palavras, imagens e ideias, o que enriquece suas rimas e lhes permite explorar uma variedade maior de elementos literários em seu trabalho. Portanto, a leitura e a prática contínua são essenciais para a evolução e aprimoramento das habilidades literárias dos *MC's* no mundo do *hip hop*."

Salve Samuca

Flor Letícia

# A Letra do Poeta

## Arthur Dantas Rocha

por Marianna Camargo

## Entrevista com Arthur Dantas Rocha, autor do livro *Racionais MC's: Sobrevivendo no Inferno*

**Arthur, quanto tempo você demorou para escrever este livro e como foi sua aproximação com os Racionais MC's?**

Eu demorei cerca de sete meses pra escrever o livro, mas costumo dizer que foi o tempo de uma vida, já que muito do material que usei de referência eu vim guardando desde 1996. Minha aproximação com os Racionais se deu a partir de 1993, como quase todo mundo na periferia: alguém chegava com um disco, gravava em fita K7 e distribuía pra geral.

**O seu livro faz parte da coleção Livro do Disco, da Editora Cobogó, e consta como um dos mais vendidos. Qual o significado deste alcance na esfera educacional, social e literária?**

Não me surpreende o livro vender tão bem: Racionais é gigantesco, construíram em mais de 30 anos uma carreira muito sólida e respeitável. O que me surpreende é o uso que o livro vem alcançando na educação, sobretudo no Ensino Médio. Por outro lado, não deveria causar espanto: o disco *Sobrevivendo no Inferno* é um intérprete muito acurado da vida nos grandes centros brasileiros.

**É muito comum a adaptação de filmes para livros e vice-versa, mas menos comum adaptar um álbum musical para livro. Levando em conta o tema desta coleção, como se deu a concepção de Racionais MC's: *Sobrevivendo no Inferno*?**

Eu tive uma trajetória em meados dos anos 2000 como jornalista cultural e cobri bastante o *rap* e o grafite paulistano. Publiquei parte do que escrevi em meu blog pessoal, desse modo os dois editores da coleção Livro do Disco chegaram até mim e lançaram o desafio: topa escrever um livro sobre o *Sobrevivendo no Inferno*?

Eu sabia que era uma responsabilidade enorme, mas também sabia que tinha ideias sobre o disco e topei o desafio.

**Como é a relação do meio editorial para publicações de obras que busquem reconstituir linhas de pensamento e realidades que contem a História sob outros pontos de vista? Há uma abertura das editoras? E também, se isso consequentemente estimula o acesso das pessoas à leitura desses títulos?**

O mercado editorial é muito amplo, mesmo em um país que lê tão pouco como o nosso. Talvez nas grandes editoras seja mais difícil se embrenhar, talvez tenha um jogo de cartas marcadas, autores já reconhecidos etc. Mas nas pequenas editoras se apresentam mais oportunidades e aí seja possível escrever sobre acontecimentos históricos mais diversos, com maior variedade de pontos de vista. Neste exato momento estou escrevendo um livro sobre um aspecto do *rap* paulistano pouco explorado e o projeto foi acolhido por uma editora bem pequenina. E assim caminhamos.

**O álbum *Sobrevivendo no Inferno* foi obra obrigatória para o vestibular da Unicamp de 2020, e o Conselho Universitário da UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia) aprovou em agosto deste ano a concessão de título de *Doutor Honoris Causa* a Mano Brown. Como você analisa a importância destes fatos para o fortalecimento da questão negra no Brasil dentro do meio acadêmico?**

Certa vez, um jornalista chamou os integrantes do Racionais de "os quatro pretos mais perigosos do Brasil". O trabalho do grupo ser reconhecido por instâncias mais oficialescas da sociedade brasileira reafirma a urgência, a sabedoria, a capacidade criativa de um grupo com obra radical, que pensam o país sob uma ótica particularíssima. Isso para mim tem a ver inclusive com uma recente nova apreciação da produção cultural afro-diaspórica nacional, dando conta de uma miríade

de posições e pontos de vista, o que só pode engrandecer o país.

***Sobrevivendo no Inferno* foi lançado em 1997 e discute temas como: violência policial, desigualdade social e racismo. Estamos em 2023 e estas pautas continuam atuais. Qual o grande obstáculo que o Brasil enfrenta por não resolver problemas cruciais como estes, e qual a importância desta obra para aumentar a consciência das pessoas em relação a isso?**

O problema do Brasil, disso não tenho dúvidas, é um problema de origem racial, começa com a escravidão e toda ordem de estruturas sociopolíticas que foram erigidas a partir disso. O mito da democracia racial, que é um tipo de mito fundador no Brasil, obstrui e atrapalha a compreensão da dimensão do problema racial no país. Enquanto o negro for um cidadão de segunda classe no país, não encontraremos termo pra resolver as grandes emergências do país. Meu livro acho que dá chaves para o leitor compreender o disco e também aponta como o disco foi sagaz ao lidar com os temas que você apontou. Muita gente aprende sobre esses temas na faculdade, por exemplo; eu aprendi com os Racionais.

**Você percebe alguma mudança estrutural ao longo destes quase 20 anos (após o lançamento do álbum) ou qual poderia ser o caminho para tentar solucionar essa questão?**

Acho que teve um pontual avanço com as cotas para universidade e concursos públicos. E só. A periferia, como diz um *rap*, segue sangrando e as oportunidades para a comunidade negra permanecem sendo poucas. De certo, a obrigatoriedade do ensino de história afro-brasileira também oferece oportunidade nas escolas para desmontarmos o mito da democracia racial e também é uma mudança importante.

**A letra *Capítulo 4, Versiculo 3*, escrita no fim dos anos 1990, começa com uma estatística: "60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial / A cada**

**quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras / Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros / A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo"**
**De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023, pessoas negras representam 83,1% das mortes por intervenção policial. A questão da violência contra os negros no Brasil é, segundo alguns especialistas, um projeto de extermínio. Em 2016, 45,9% dos estudantes universitários brasileiros eram autodeclarados negros. O número subiu para 49% em 2019 e, passada a pandemia, em 2022, caiu para 48,3%. Nesse sentido, a política de cotas parece surtir efeito, no entanto, em momentos de crise, é a população negra a primeira a evadir o ensino superior. Como escritor, como você analisa a importância da leitura e especificamente das letras dos Racionais MC´s para combater esses dados?**

As letras dos Racionais dão contorno reais para as estatísticas né? Eles são exímios tradutores da vida da população preta, pobre e periférica do Brasil.

**Entre passagens bíblicas, Política e Sociologia, a influência literária nas composições de *Sobrevivendo no Inferno* é diversa. Como você explica as leituras que influenciam o álbum?**

Sabe-se que Mano Brown, por exemplo, é um bom leitor. Mais de uma vez ele já destacou o peso da leitura da autobiografia do Malcolm X, por exemplo. A Bíblia, com certeza, é um livro que também encontra ressonância na obra do grupo. Mas explicar as leituras que podem ter influenciado a obra deles ainda é um trabalho a se realizar.

**Você acredita que por meio do acesso a obras com este conteúdo pode haver uma transformação efetiva na sociedade? Qual a amplitude da leitura com conteúdos invisibilizados, e principalmente, da compreensão deste problema a partir disso?**

Eu sou modesto e realista quanto ao poder da leitura, por mais que saiba quanto o ato de ler transforma a

consciência pessoal do leitor. Minha única ambição com o livro é que a obra dos Racionais saia ainda mais importante para a vida do leitor após a leitura do livro.

O autor Arthur Dantas Rocha e sua obra

Sandra Maria Rocha

**O *hip hop* atualmente é um dos gêneros musicais mais consumidos do mundo, de acordo com o *Spotify*, que aponta um crescimento de 68% em consumo nos últimos três anos. Até o momento, em 2023, aproximadamente 1/4 de todos os *streams* desta plataforma no mundo são deste gênero. Como você vê a questão da marginalidade do movimento do início para essa ascensão mundial, quais os pontos positivos e negativos?**

É um paradoxo próprio da indústria musical: quanto mais integrado e ouvido o *rap* fica, menos importante socialmente parece ficar, porque suas ideias tendem à diluição. O *rap* e a cultura do *hip hop* se estabelecem como um tipo de contracultura, mas hoje parecem bem integrados à cultura oficial. Isso, para mim, que tenho como primeira vivência o *punk rock*, parece uma questão problemática. Por outro lado, sempre terão os artistas que defenderão o lado insubmisso e contestador do rap – a existência de um Djonga é prova disso. E esses artistas ganham maiores audiências, esse é o ponto positivo. Um dado negativo para mim de maiores consequências é que escutar *rap* nos anos 1990, por exemplo, te forçava a pensar sobre a questão racial, era um componente intrínseco ao *rap*. Isso para um garoto branco, como era o meu caso, fazia toda a diferença. Hoje já há toda uma leva de artistas do *rap* que constroem seus imaginários a revelia da questão racial. Isso com certeza é um grande problema, porque eu não tenho dúvidas que o Brasil tem uma grande dívida com o *rap* que colocou o tema racial na ordem do dia.

**Como você lida com as críticas do meio acadêmico e literário, principalmente, que não consideram letras do *rap* como literatura e/ou poesia. Inclusive *Rap* em tradução ao português quer dizer Ritmo e Poesia, ou seja, está no próprio nome do gênero. Qual sua visão sobre isso?**

Isso já foi um grande problema e certamente influiu muito na recepção do *Sobrevivendo no Inferno* em 1997, porque essa questão de não respeitar o *rap* enquanto arte tinha alguma centralidade nos meios pen-

santes brasileiros. Mas hoje, e isso foi um avanço, é uma posição bem marginal e folclórica do debate cultural. Ninguém em sã consciência, hoje, há de desconsiderar a verve poética de um Mano Brown, por exemplo.

**Como a leitura pode ser um transformador social e como obter um alcance maior de leitores/as?**

A leitura confere dignidade e humaniza o leitor, isso quase que independe do tipo de leitura que se realiza – ainda que ache importante qualificar o melhor possível o tipo de leitura que se realiza. Alcançar mais leitores é um trabalho que deveria começar, primordialmente, nas escolas. Em segundo lugar, criar uma cultura entre os pais onde a existência de livros dentro de casa seja uma realidade. Ao autor, resta se colocar à disposição para situações nas quais possa falar diretamente com os leitores. Acho que é isso. Leitura é basicamente um trabalho de políticas públicas sólidas.

**Arthur Dantas Rocha** é um *punk rocker* apaixonado por samba e pela cultura *hip hop*. Tem formação em Letras, é gestor ambiental e pedagogo, além de pesquisador independente. Já atuou como redator publicitário para TV e como jornalista cultural para mídia impressa. Escreveu para publicações como *Revista da MTV*, revista *Cooperifa*, *+Soma*, *Vice*, e estrangeiras, como *Juxtapoz*. Colaborou com os livros *Eles Nos Devem Uma Vida-Crass: Escritos, Diálogos e Gritos* (2017) e *Pra Quem Já Mordeu Um Cachorro por Comida, Até Que Eu Cheguei Longe* (2019), sobre o Emicida. Tem 45 anos e vive em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais.

Em 2021, lançou o livro *Sobrevivendo no Inferno*, sobre o álbum homônimo do grupo Racionais MC's, lançado em 1997. A publicação faz parte da coleção *O Livro do Disco* (Editora Cobogó), e já vendeu até agora 2 mil exemplares.

# Gravidade

David Leavitt

tradução de Caio Fernando Abreu

O escritor David Leavitt em 1989

Reprodução / Courtesy of Toronto Public Library

O ***Jornal Cândido*** de outubro resgata uma tradução do escritor Caio Fernando Abreu (1948-1996), publicada pela primeira vez em língua portuguesa no suplemento cultural ***Nicolau***, em dezembro de 1993.

Nesta edição número 51, Caio traduz o conto Gravidade, extraído da coletânea *A Place I've Never Been* (1991), do escritor americano David Leavitt (1961). O autor explora temas como a homossexualidade, as relações familiares, a doença e a solidariedade humana; sendo categorizado por alguns estudiosos dentro da corrente crítica "*Minority Discourses*", dentre as quais se destaca a "*Queer Theory*". Leavitt é ainda responsável pela edição do periódico *Subtropics*, dedicado à divulgação de novos/as escritores/as.

Caio Fernando Abreu foi escritor e jornalista, contemplado três vezes pelo Prêmio Jabuti de Literatura. Com apenas 18 anos escreveu seu primeiro romance: *Limite Branco*. Em 1982, publicou uma de suas obras mais emblemáticas *Morangos Mofados*. Faleceu aos 47 anos em Porto Alegre (RS), em 1996, vítima de complicações desenvolvidas pelo HIV.

Tradução publicada originalmente no Nicolau, suplemento bimestral editado pela Secretaria da Cultura (SEEC).
Ano VII, número 51, em dezembro de 1993.

Theo precisava escolher entre um remédio que poderia salvar sua visão e um outro, que poderia mantê-lo vivo. Então escolheu não ficar cego. Parou com as pílulas e começou as injeções, que exigiam a introdução de uma dolorosa sonda justamente sobre seu coração, e poucos dias depois aquelas nuvens nos olhos começaram a clarear. Podia ver outra vez.

Ele lembrou de certa vez que fora a Nova York ver um show com a mãe, quando tinha 12 anos e não queria admitir que precisava de óculos. "Você pode ler aquilo?", ela berrou, apontando um anúncio da Broadway, e quando ele envesgou os olhos, reconhecendo apenas uma ou duas letras, ela tirou seus próprios óculos — uns óculos-gatinho, com pedras brilhantes nos cantos — e empurrou-os sobre o rosto dele. O mundo entrou em foco, e ele arfou levemente, atônito com a precisão nos contornos das coisas, a legibilidade de tudo, a dura, nítida e colorida paisagem. Naquele dia, Sylvia tinha assistido a *Um Violinista no Telhado*, mas para Theo, o rosto mascarado pelos enormes óculos da mãe, tudo era cintilante e vívido como numa história em quadrinhos. E mesmo que as pessoas olhassem para ele murmurando coisas, Sylvia não se importava — ele podia *ver*.

Porque estava morrendo novamente, Theo voltou para a casa da mãe, em Nova Jersey. Ela aceitou logo aplicar-lhe as injeções de DHPG — afinal, acompanhara a morte da própria mãe. Quatro vezes por dia, com a precisão de uma enfermeira, limpava o tubo de plástico implantado no peito dele, inserindo uma seringa hipodérmica esterilizada para pingar lentamente nas veias do filho o líquido salvador da visão. Os dois suportavam silenciosamente esse procedimento. Sylvia sentava ao

lado da cama de hospital que alugara durante a permanência de Theo ("durante a minha vida", ele às vezes pensava), esperando pelas reprises de "I Love Lucy" ou pelos noticiários de TV e, enquanto Theo tentava não pensar naquele cano duro enfiado em seu peito, pensava também em como se tornava cada vez mais largo e intransponível aquele golfo entre ele e as costas da praia conhecida. Mas Sylvia se mantinha meticulosamente cuidadosa. Todos os dias, ela o estimulava para irem a algum lugar — à biblioteca, ou àquele pequeno museu com réplicas de dinossauros que ele descobrira quando criança —, e quando a magreza e a bengala dele vacilavam, Sylvia o conduzia através dos olhares das pessoas, determinada a defendê-lo de qualquer coisa que pudessem dizer ou fazer. Tinha sido também assim naquela tarde, muitos anos atrás, quando ela o puxou através de um saguão cheio de faces curiosas e risonhas, decidida a não permitir que nada interferisse na visão do filho. Que dupla deviam ter sido: um menino com óculos feios e uma mãe desafiando o mundo a dizer uma palavra contra ele.

Nessa tarde ventosa e quente de maio, eles saíram às compras por vingança.

— Seu primo Howard vai dar uma festa de noivado no próximo mês — explicou Sylvia no carro. — Uma garota de Livingston, muito legal. Encontrei com ela semanas atrás e, realmente, ela é mesmo uma pessoa superior.

— Fico contente — disse Theo. — Cumprimente Howie por mim.

— Você não acha que pode ir à festa?

— Não tenho certeza. Acho que para mim seria melhor só mandar um presente.

— Você já mandou. Uma bandeja de prata encantadora, se bem me lembro. O agradecimento está no caderno de notas da sala.

— Mãe — Theo disse —, por que você sempre tem que...

Syivia apertou a buzina em forma de chifre para um caminhão, e fez um contorno ilegal pela esquerda:

— Melhor seria não dar presente nenhum, é o que eu acho — ela disse. — Mas agora o problema é que eu

mesma tenho que dar alguma coisa para Howie. Alguma coisa minha, e é melhor que seja boa. É melhor ser muito, muito boa.

— Mas por quê?

— Você não lembra daquela coisinha barata que Bibi deu a você na sua formatura? Era um verdadeiro desgosto.

— Não consigo lembrar do que ela me deu.

— Claro que você não consegue. Era um jogo nojento de caneta e lápis. E nem ao menos a caixa era de couro de verdade. Então, naturalmente que isso é uma boa razão para que eu dê alguma coisa realmente espetacular ao Howie. Alguma coisa capaz de fazer Bibi ficar lívida. Enfim, acho que encontrei a tal coisa, mas preciso da sua opinião.

— Opinião? Bom, quando Nick, meu antigo companheiro de apartamento, casou, eu dei a ele um triturador de alho. Custou cinco dólares, e refletia exatamente como eu me sentia naquele momento. Nossa amizade era importante.

Sylvia riu:

— Claro. Mas minha idéia é muito mais brilhante, entende? Eu posso me vingar de Bibi, e ao mesmo tempo dar a Howard o presente legal que ele e a garota merecem — ela sorria, visivelmente encantada consigo mesma. — Ah, eu vou vivendo e aprendendo...

— *Você* vive — Theo disse.

Sylvia piscou:

— Bem, olhe, aqui estamos nós.

Ela enfiou o carro num estacionamento para paraplégicos da Morris Avenue, e saiu para ajudar Theo. Mas ele estava guinchando a si mesmo do assento, usando a maçaneta como se fosse uma alavanca.

— Posso me arranjar sozinho — ele disse com alguma irritação, balançando em sua bengala. — E é muito mais fácil sair daqui do que conseguir vaga num estacionamento.

— Oh, Theo, por favor — disse Sylvia. — Olhe, vamos até lá.

Ela o amparou até uma loja de presentes cheia de estatuetas de porcelana de Branca de Neve com todos os sete anões, caixas de música que tocavam coisas como *The Shadow of your Smile*, complicadas misturas

perfumadas em caixas forradas de papel púrpura e cobras estofadas para vedar frestas de portas e janelas.

— Senhora Greenman — disse um extrovertido homem de cabelos grisalhos, usando um suéter de cardigan cor de creme. — Olhe só quem está aqui, Archie, é a senhora Greenman.

Outro homem mais magro e calvo, mas vestido com um cardigan idêntico, espiou dos fundos da loja.

— Olá, pessoal! — ele disse sorrindo. Depois olhou para Theo, e sua expressão mudou.

— Senhor Sherman, senhor Baker: este é meu filho Theo.

— Olá — disseram o senhor Sherman e o senhor Baker. Mas não estenderam as mãos para apertar.

— A senhora veio ver aquele negocinho que discutimos na semana passada? — perguntou o senhor Sherman.

— Sim — disse Sylvia. — Eu quero a opinião aqui do meu filho.

Ela caminhou em direção a uma enorme fruteira de cristal, um tipo de taça muito comum nos anos 50, pesada e de bordas serrilhadas.

— O que você acha? Bonita, não é?

— Para falar a verdade, mãe, eu acho medonha

— Quatrocentos e vinte e cinco dólares — Sylvia disse com admiração. — Você tem que *sentir* isso.

De repente, ela pegou a grande taça e jogou-a para Theo como se fosse uma bola de futebol.

O senhores de cardigan prenderam a respiração. Quando Theo segurou a taça, ela afundou em suas mãos. A bengala dele rangeu ao bater contra o piso.

— É pesada — disse Sylvia, observando com satisfação a maneira como a taça caíra nos braços de Theo. — E no que se refere a cristais, o que impressiona mesmo é o peso.

Ela pegou a fruteira das mãos dele e levou-a de volta para o balcão. O senhor Sherman esfregava a testa. Theo olhava para o chão: continuava espantado por não ver cacos de vidro em volta de seus pés. Como ninguém parecia disposto a ajudá-lo, inclinou-se e apanhou a bengala do chão.

— Quatrocentos e vinte e cinco com impostos — disse o senhor Sherman. Sua voz estava um tanto trê-

mula, e um ar de alívio desceu sobre seu rosto quando Sylvia puxou o talão de cheques para pagar. Atrás do balcão, Theo podia ver o senhor Baker passar a mão na testa e lançar os olhos para o teto.

Parecia que Sylvia tinha esperado um longo tempo por alguma coisa assim: alguma coisa pesada o bastante para impressionar, embora tão frágil que também fosse capaz de fazer você sentir pena.

Eles caminharam de volta para o carro.

— Aonde podemos ir agora? — Sylvia perguntou, como se tivesse acabado de chegar. — Deve haver algum outro lugar para a gente ir.

— Para casa — disse Theo. — Está quase na hora do remédio.

— É mesmo? *O.K.*, tudo bem — ela sentou, colocou o cinto de segurança e enfiou a chave no carro.

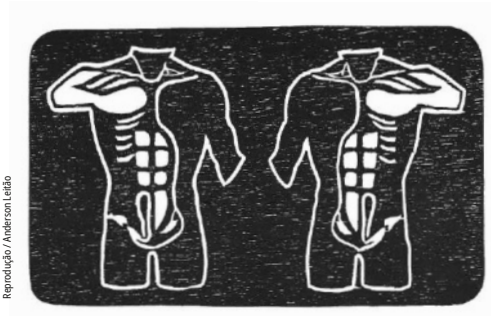
Apenas por um momento, então, mas perceptivelmente, seu rosto desabou. Ela apertou os olhos com tanta força que as sombras azuis nas pálpebras ficaram gretadas. Mas quase com a mesma rapidez, voltou ao normal, e os dois estavam na estrada.

— Está esquentando — disse Sylvia. — Posso ligar o ar-condicionado?

— Claro — disse Theo.

Ele estava pensando na fruteira. Ou, mais precisamente, na maneira como o peso dela fora surpreendente, forçando suas mãos para baixo. Por enquanto, até agora, ele tinha se preocupado com a mãe, com os danos que a sua doença estavam causando nela, embora Sylvia jamais admitisse isso. Na superfície, tudo parecia estar bem. Todas as noites, ela continuava a preparar para si mesma uma galinha grelhada no jantar, continuava nadando uma milha e meia por dia, continuava guardando saquinhos de chá usados no refrigerador. E continuava também, por volta das três da madrugada, a despertá-lo dizendo que ia àquele supermercado aberto 24 horas, e poderia trazer qualquer coisa que ele precisasse. Então acontecera a loja de presentes: Sylvia tinha literalmente jogado aquela enorme taça em direção a ele, jogado como se fosse uma bola — e como se todos aqueles brilhos e reflexos durante o vôo perigoso viessem navegando pelo ar em direção a ele , e Theo pensou então que Sylvia acreditava que as débeis mãos

dele, não importava o que o mundo inteiro pensasse, fossem capazes de salvar a taça do despedaçamento. O que ela estava tentando testar? Seria a reconquista da visão dele? Ou apenas assegurar-se de que ele estava ali, vivo, e ainda não dispensara os cuidados dela — ele, um menino perdido nuns imensos óculos-gatinho cravejados de *strass*? Mas existem certas coisas que você já fez, antes mesmo de sequer ter imaginado como fazê-las — puxar uma criança da frente de um carro, por exemplo, ou aquela taça que Theo segurara antes de ter sequer calculado sua breve trajetória. Ele abaixara os braços , daquela postura de macaco, olhava para a mãe, que sorria largamente. Como se, naquela batalha entre a dureza e o despedaçamento, ele estivesse apenas ajudando-a a ganhar alguns pontos numa insignificante, mas substancial vitória.



Reprodução / Anderson Leitão

**David Leavitt**, 33, é californiano de San Francisco/EUA. Com seu livro *Family Dancing*, editado em 1985, surgiu como a grande revelação da literatura contemporânea dos Estados Unidos. Da coletânea de contos *A Place I've Never Been* (1991) foi extraido *Gravidade* — que Nicolau publica pela primeira vez em língua portuguesa — , uma boa amostra dos temas mais constantes do autor: a homossexualidade, as relações familiares, a doença e a solidariedade humana. Atualmente, Leavitt vive em Barcelona/Espanha, como bolsista da Fundação Guggenheim, e trabalha num roteiro para um filme de John Schlesinger, sobre Aids. Dele, disse o "The New York Times": "Terno, divertido, eloquente e sábio. Poucos escritores possuem um sentimento tão forte de maturidade e compaixão".

**CAIO FERNANDO ABREU**, 45, nasceu em Santiago, no interior do Rio Grande so Sul. Escritor. Autor de vários livros, entre os quais se destaca *Morangos Mofados*, coletânea de contos considerada pela revista *IstoÉ* como o melhor lançamento de prosa brasileira de 1962. É autor ainda de *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* e *Onde Andará Dulce Veiga?*

# Na corda bamba: Existe limite na arte?

Lorraine Assis

Em termos genéricos, arte é uma palavra originada do latim "ars", significando técnica ou habilidade. Já para o Dicionário Houaiss, ela é "produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana".

A respeito das expressões de produção consciente e da subjetividade humana, a obra de arte seria, também, uma representação do desconforto, do incômodo, da crueza e da crítica, dentre outros.

Susan Sontag, no livro *Diante da Dor dos Outros*, expõe que a carga das imagens de guerras registradas pode ser utilizada para um descarrego do objeto da contemplação, assim levando-o para funções de advertências e da possibilidade de adentrar na dor de outra pessoa. Não somente isso, temos o prefácio de Teté Ribeiro para a obra de Alice Sebold, *Sorte, um Caso de Estupro* – A verdadeira história da autora, abaixo:

*"Então entra em sua vida a poeta, ensaísta e professora Tess Gallagher (viúva do escritor Raymond Carver, autor do livro de contos Short Cuts, que deu origem ao roteiro do filme do mesmo nome dirigido por Robert Altman em 1993). É a primeira pessoa que encoraja Alice a expressar o que sente, o que ela faz na forma de um poema cheio de ódio e rancor. É a primeira vez que se permite sentir raiva, desejo de fazer seu agressor sofrer. A poesia é infinitamente inferior à prosa da autora (talvez essa afirmação seja injusta, já que foi escrita nos meses seguintes ao estupro, e o livro, quinze anos depois), mas a força da narrativa, baseada em sua ousadia e autenticidade, já está lá.O ódio e o desejo de sustentação da determinação de Alice, que se dispõem a tudo até conseguir se vingar de seu agressor (...)*

## O DIÁRIO SECRETO DE LAURA PALMER

Composição literária produzida como extensão da série televisiva *Twin Peaks*, o texto prossegue em tom linear, em uma cronologia anterior aos eventos apresentados na atração. O livro prioriza a formação da personalidade fragmentada de Laura Palmer, cujo as-

sassinato desencadeia a trama principal do programa. A trajetória em vida de Laura, integrada a de outros personagens, serve para adentrar e elaborar a psique revelada na série. Surge ao leitor uma garota entusiasmada com seu novo pônei dado de presente em seus 12 anos; o encontro com a prima Maddy e suas pequenas peripécias adolescentes, além do apreço por sua melhor amiga, Donna. Ao decorrer da obra, um dos pontos mais importantes é o recurso da sinestesia, isto é, o flagrante das sensações do mito feminino enraizado na jovem, a *Prom Queen* do também mito norte-americano. Determinados trechos evidenciam o corpo e suas consequências cometidas contra a narradora:

*"Fechadas se encontram minha cabeça e suas lembranças. Convenientemente falta ao inimigo uma característica – consciência. "Culpa" é só uma palavra que ele usa para me calar. Ele nem liga para a mortalidade e muito menos para o perigo."*
*"É possível que não se importem?"*

O retrato desse tipo de prosa – literatura de testemunho e epistolar – carrega marcas de arrebatamento dada sua própria natureza. A literatura de testemunho é conhecida por ser a observação em escrito dos sujeitos ativos que testemunharam, em tons memorialísticos, episódios de qualquer caráter. As personagens são participantes da recriação de mundos a partir da evocação de seu consciente e inconsciente. É normalmente colocado em parâmetros de indivíduos em condições subalternas, ou que passaram por essas situações. Paul Ricoeur, filósofo francês, enfatizava esse modelo literário como uma extensão da memória em termos ficcionais.

O fator epistólico, ou seja, o da carta, é autoexplicativo no título do livro. Em alguns excertos, Laura confronta-se com seu estuprador (que não temos consciência se é um ente físico ou não) enquanto escreve e recebe suas respostas. A tortura psicológica transpassada nas páginas se dá de forma tanto explícita quanto implícita. Possibilitando novas formas de análise conceituadas nos traumas ou conflitos temporários, personagens como Audrey Horne, Bobby, Le-

land Palmer e outros são exemplos vívidos de respostas simbólicas à trama. Mais adiante, a personagem exclama em lirismo um de seus poemas sobre sua realidade:

*"29 de julho de 1984*
*Querido diário,*
*Aqui vai um poema.*
*Da luz que entra pela minha janela ele pode ver dentro de mim*
*Mas eu não o vejo até que se aproxime*
*Respirando, sorrindo à minha janela*
*Ele vem para buscar-me (...)"*

Laura não é somente uma estatística, um fruto de um indicador social, mas torna-se mártir da pequena cidade – de pouco mais de 50 mil habitantes – para revelar os desajustes individuais e estruturais de cada indivíduo da história, provocando em sua morte. Caso houvesse cenários e seus efeitos ao telespectador pensando sobre "gatilhos emocionais", Twin Peaks não teria tido o sucesso alcançado. A série e sua continuação cinematográfica, inclusive, ajudaram vítimas de abuso sexual a se identificarem e agradeceram à atriz.

## AOS TREZE

No início da adolescência de Tracy, personagem principal (e heterônimo da atriz Nikki Reed) do filme, as relações são fatores proeminentes na construção cinematográfica. Uma aluna exemplar, poucas (mas boas) amizades e uma personalidade ingênua caracterizam sua transitoriedade, que vai de um extremo ao outro. Ao deparar-se não somente com um lar caótico, a jovem é impelida ao reconhecimento em seu espaço educacional, uma vez que o *bullying* de seus colegas é constante. A partir dessa mudança interior, conhecemos Evie, a garota mais popular e sexualmente desejada do colégio. Em uma das primeiras cenas, o confronto na casa nos é afirmado com a preocupação

de um poema escrito por Tracy, constituindo o eixo da narração: seu desequilíbrio emocional.

*"Ele estava inválido.*
*Mas somente o seu corpo estava quebrado.*
*Não é tão simples nem é fácil de explicar.*
*Vamos deixar assim ela disse.*
*E fecha o livro sagrado das mentiras.*
*E cobre seus olhos.*
*Negando a si mesmo o que pensou acontecer."*

Os elementos poéticos do filme irão se desdobrar nas próximas sequências, ao denotar o conteúdo perturbador e carregado de aflições da maioria das personagens, seja Mel, mãe de Tracy, seja Evie, seja o namorado dependente químico de Mel, ou Brooke, a tutora legal de Evie. Um resultado da interação das duas jovens negligenciadas é a cena na qual se esbofetam, rindo incontrolavelmente sob efeito de entorpecentes. A trilha sonora é de rock, causando um efeito mais estimulante para os sintomas das garotas. Outras cenas merecedoras de destaque são a reconstituição do abandono de Evie por parte da família ao frequentar mais vezes a casa de Tracy, e fazendo com que sejam espalhadas difamações a seu respeito no intuito de se vingar, causando nas amigas de Evie a iniciativa de agredir a personagem principal. Brooke descobre a dependência química das duas e culpa Tracy e sua mãe por influenciarem sua sobrinha, e a separação é consumada. A última cena após toda a decupagem do filme visa o aspecto artístico na distorção da imagem e do efeito estático do grito de Tracy girando em um brinquedo de um parque local.

No tocante aos mecanismos produzidos, a cena é composta de forma proposital para efeitos de choque a quem assiste. O *frame* "congelado" é posterior a todos os acontecimentos na formação psicológica das personagens. Passamos por toda a dinâmica disfuncional do retrato da família, escola e alunos para logo em seguida o sentimento catártico instaurar-se e conceber a tragédia inevitável. Sua imagem é atrativa pela sucessão ora intensiva, ora branda de atos desconcertantes.

Nesse sentido, as cenas mais emblemáticas apresentam a realidade de adolescentes em comportamentos autodestrutivos, ilustrando a capacidade do cinema ser produtor de discursos, representações sociais e simbólicas. Outro elemento a ser levado em consideração é do fato de Nikki Reed ter inspirado o argumento do filme. A experiência pessoal da atriz serviu de base para a produção, transfigurando-se em um catalisador terapêutico ao adquirir a autocrítica de suas ações no começo de sua juventude. Também foi objeto de pesquisa – após mais de dez anos do lançamento – nas áreas de ciências humanas e das artes, a exemplo de artigo publicado por Trey Teufel e Emily Greytak na Universidade da Pensilvânia.

Escrever sobre a produção literária e extraliterária requer um mapeamento de campos que não mais podem estar nos mesmos parâmetros, nas mesmas leis. O hibridismo na arte é um exemplo do rompimento de categorias ortodoxas, configurando uma nova estética que vem ganhando espaço nas últimas décadas. Se a primeira obra analisada tem origem em uma série da televisão, a segunda propicia conexões com a escrita e a linguagem poética. O filósofo Michel Foucault argumentava sobre a literatura fantástica ser um sintoma do romance gótico em termos do propósito de que tais autores formavam, de modo consciente, uma representação do real apesar das composições extraordinárias de seus livros. Assumir essa realidade perceptiva foi possível a partir do deslocamento da linguagem, de seus recursos, novos códigos instaurados no período acima mencionado.

Afinal, a arte é cultura e bem imaterial das faculdades humanas. Sendo bem imaterial do ser, ela é intrínseca pois carrega consigo a criatividade, ou seja, como um conjunto de capacidades que permitem uma pessoa comportar-se de modos novos e adaptativos em determinados contextos (Mouchird e Lubart, 2002). Se formos refletir sobre o uso mais restrito dos componentes artísticos, entraríamos justamente no que cha-

mo de “castração inconsciente” de determinados artistas ou críticos ou quaisquer pessoas.

Uma citação do autor Antoine Compagnon ilustra a (re) criação de realidades e elucubrações:

*“Literatura deve ser estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida”.*

Deveríamos, portanto, “cancelar” conteúdos de terror? Excluir artistas os quais usaram da estranheza e do sem filtro para injustiças (como Oiticica) para denúncias? Ou talvez colocar em escanteio os trabalhadores desse ofício que utilizam, também, da arteterapia como recurso para seus conflitos psicológicos?

Sendo assim, respaldo que o uso da empatia, da sensação incomodativa, do confronto com o estranho sirva como maneira não só de exprimir a interioridade dos seus criadores, mas sim de mudar uma realidade na qual há tantos problemas a serem sanados e confrontados de frente, desde que não haja teor preconceituoso inserido na criação em questão. Por fim, indico dois autores cujas obras dialogam sem receio com as temáticas circundadas nesse ensaio, e uma matéria, que seriam, respectivamente, Bruna Mitrano, autora de *Ninguém Quis Ver* (Companhia das Letras); Bruno Ribeiro, autor de *Era Apenas Um Presente Para Meu Irmão – A Barbárie de Queimadas* (Editora Todavia); e o texto da Revista Caju, *Violência na Arte Contemporânea Brasileira*, autoria de Divino Sobral. ❮

Fábio H Mendes

**Lorraine Ramos Assis** (1996) é poeta, crítica literária e editora. Autora de *O Duplo Refletido* (Folhas de Relva Edições/ 2023), tem trabalhos publicados em diversas publicações como o *Estado de Minas*, *Le Monde Diplomatique*, revista *Cult*, *Incomunidade* (Portugal), *Granuja* (México), entre outras. Colabora para *SP Review* e *Revista Caliban*. Foi finalista do *Prêmio Off Flip 2023* na categoria Poesia.

# White tears

Susy Freitas

Deitada na espreguiçadeira do terraço, eu podia ouvir as crianças brincando perto da escadaria que dá pro Rio Negro. Corinne Marchand cantava "*Sans toi*" em looping lá embaixo, no som da sala. Os pequenos corriam despreocupados com as águas que tomavam a rua em anos de cheias rigorosas como aquele, enquanto gatos bocejantes enfeitavam as bordas da cena insólita. Uma única nuvem lutava contra os raios de sol brancos, que me faziam lacrimejar. A bandeira anarquista abandonada pelo antigo morador serpenteava seu desbotamento no chão.

Produzir LSD não é fácil. Demanda equipamentos específicos, espaço adequado, matéria bruta nada corriqueira e domínio. Isolar a pureza de alcaloides lisérgicos das cravagens temperamentais me parecia quase impossível no começo. Mas eu e Branco tínhamos tudo o que precisávamos naquela casa na Xavier de Mendonça, e ele foi um mestre paciente. Por fim, atingi meu produto ideal em agosto, como bem comprovei ao sentir os primeiros efeitos do quadradinho sob a língua no sol do verão amazônico.

Virei-me para Branco, deitado na espreguiçadeira ao lado. Ele já estava me observando. "O nome será *White Tears*", decretou, enquanto as duas manchas despigmentadas de sua face indígena ascendiam rumo àquela nuvem. Por sorte, o horizonte se curvava, facilitando o encontro. A faixa de "aluga-se", que nunca retiramos da casa, trepidava enquanto os números de contato saiam voando com os pombos. Após várias goladas ininterruptas de suco de maçã, ele completou: "Vai ter o desenho de uma gota branca e o arco-íris ao fundo". O som das águas começava a arder, e o grito das crianças tinha gosto de abacate.

O laboratório já estava montado antes de eu chegar. "Não fazemos perguntas", instruiu Branco em vez de falar "Olá" ou "Bom dia" quando nos conhecemos, o que me fez simpatizar com ele de cara. Como tínhamos a mesma formação, passávamos horas debatendo os processos que levariam às especificidades da *White Tears* e todas as conversas giravam em torno do pro-

duto único que deveríamos conceber. Nosso pagamento vinha de um mecenas, o excêntrico Senhor K., o grande fazendeiro. Ele colocava o dinheiro em envelopes rosa choque na caixa de correio, cada um endereçado a um codinome. O meu era Medonha.

"Minha teoria é que o Senhor K. é um psiconauta milionário", balbuciava Branco, às vezes, enquanto trabalhávamos no laboratório. "Essa droga vai para um círculo bem restrito de usuários, uma espécie de confraria de entusiastas psicodélicos, talvez. Não creio nem que é comercializada".

Eu não tinha a mínima curiosidade em saber quem era o Senhor K., nem o que ele fazia com o LSD que produzíamos enquanto tentava atingir a perfeição da *White Tears*. Os estudos sobre o processo de manufatura, dosagens e melhores formas de consumo dependendo do objetivo da viagem se tornaram tanto o meu trabalho quanto o meu entretenimento. Talvez por isso Branco sempre elogiava meu desempenho, pois ele mesmo não era tão aplicado, embora seu domínio na atividade fosse aparente.

Branco me dava leituras e tarefas. Além disso, nunca se abstinha de tirar minhas dúvidas, mesmo que surgissem de madrugada. Primeiro, eu as anotava e passava o papel por debaixo de sua porta; se estivesse acordado, ela era aberta e conversávamos. Depois de um tempo, eu mesma abria a porta do quarto em qualquer horário. Já desperto pelo rangido, ele aguardava minha pergunta sem sair da rede. Por fim, levei sua rede para meu quarto, onde conversávamos sobre drogas alucinógenas até dormirmos.

Os cuidados que tomávamos para não sermos descobertos eram um show à parte. Para os vizinhos, por exemplo, éramos músicos contando com a generosidade de um benfeitor. Branco tinha uma tuba e eu, um violoncelo, e carregávamos os instrumentos para cima e para baixo pelo Centro, por ordem do Senhor K. "Quem não aparece, não é lembrado" era outra das instruções de Branco, repetindo as palavras deixadas por nosso benfeitor num envelope amarelo manga.

Também deixávamos música clássica tocando num amplificador ligado na sala para fingir que estávamos ensaiando. A minha trilha era a execução de Yo-Yo Ma para o Suite de Cello No. 6 de Bach. Já Branco escolheu algo mais arrojado, uma sonata para flauta de Rudolf Escher, do final dos anos 1940.

A casa, que preenchia as redondezas de música, tinha um corpo longo, antigo e ventilado, assemelhando-se a um barco de recreio. Sua pele de azulejos laranja e padrões traçados em marrom lembrava um caleidoscópio gigante. O pátio tinha pedras importadas com o mesmo desenho. Minha parte favorita era o banheiro da suíte, que Branco cedeu quando me mudei. Era, do chão ao teto, revestido de azulejos rosa, incluindo a banheira. O descanso acontecia no terraço, de onde decidimos que não tiraríamos a bandeira. "*Aywã pituna*[1]", dizia Branco no que restara de sua língua. Ali admirávamos o braço de rio pútrido e o pôr do sol absurdo ao final do expediente tomando cervejas.

"Quando eu era pequeno, lá no interior, não gostava de tomar banho", me disse Branco, assim, do nada, as pupilas dos olhos negros quase imperceptíveis em sua dilatação. "Daí essas manchas apareceram e os moleques da escola começaram a me chamar de Pano Branco. Diziam que eu era porco, por isso tinha fungos na cara, essas coisas. Só depois que diagnosticaram o vitiligo. Mas o apelido ficou. Idiota, né?".

O efeito da *White Tears* era potente. Digo isso porque ao mesmo tempo em que Branco contava essa história, sua boca não se movia, mas eu escutei tudo e ficamos rindo. Foi uma intimidade nova. Nunca conversávamos sobre nada além de como fazer LSD, com que cravagem ele já trabalhara, como lidar com a fragilidade das moléculas em situações tão adversas de produção ou se já esteve em grandes laboratórios.

"O Senhor K. tem um senso de humor ácido", rebati, ainda entre as risadas geradas pela origem do codinome Branco. "Ácido, entendeu? Ácido?".

"Ácido", ele repetiu. "O seu veio de onde?".

"Meu senso de humor?".

[1] "Logo vem a noite".

“O codinome. Esse Medonha aí”.

“Ah, era um negócio que uma amiga falava”, respondi, escondendo os dentes. As curtas lágrimas de mais cedo se tornaram cascas em meu rosto, mas meu entorno escureceu com a lembrança, como que sob o efeito de um filtro. “Eu gostava muito dela. Era senhora já. Dizem que ela virou mendiga doida dos gatos, lá pros lados da Torquato Tapajós. Deve ter morrido faz tempo”.

“Deixa entrar e sair”, alertou Branco, apontando um dedo para a cabeça com uma mão e me estendendo a garrafa de suco com a outra. “Toma, bebe. Se hidrata”. Mas novas lágrimas recobriram as ressecadas.

“Vamo pro mundo rosa!”, ele então decretou, babando perdigotos de maçã e me puxando da espreguiçadeira para o banheiro da suíte. Corinne Marchand berrava nos alto-falantes: “*Et si tu viens trop tard / On m'aura mise en terre / Seule, laide et livide / Sans toi, sans toi*[2]”. Como ele sabia que eu chamava o banheiro de mundo rosa?

A banheira pareceu ter enchido em segundos e Branco me afundou nela com cuidado. Bolhas de chita se formavam do meu vestido florido sorvendo a água enquanto o choro submergia até o desaparecimento. A luz refletida dos azulejos rosa transformou seus cabelos desgrenhados numa flor de jambo, e a flor se sentou de frente para mim na banheira, ainda vestida. Os dedos do vento entravam pela janelinha e acariciavam nossas cabeças como se fôssemos crianças por horas, acho. Eu podia vê-lo assim, menino, correndo rumo a águas revoltas em São Gabriel da Cachoeira até esmaecer entre as correntes da morte com um sorriso. Já eu ficaria escorada num balcão, esfregando as rodinhas só de um dos patins para frente e para trás.

“Agora que você tá pronta, o Senhor K. deve te mandar pra outra cidade”, disse Branco, olhando as gotas pulsantes sob a torneira da pia. “Provavelmente pra treinar outro novato”.

“Como assim?”, retruquei. “Eu mal consegui produzir a *White Tears*”.

[2] "E se você chegar tarde demais / serei enterrado / sozinho, feio e lívido / Sem você, sem você".

“Você tá pronta há meses”, ele explicou. “Eu só queria te dar um teste final. Criar tua assinatura”.

Lidar com mudanças nunca foi o forte de pessoas como eu. Os rituais, por mais discretos que fossem, ainda me conduziam tanto quanto na infância. Uma vez estabelecida a rotina na Xavier de Mendonça, o silêncio de Branco se tornou parte da minha paz. Prova disso era o toque de suas canelas nas minhas dentro da banheira, um contato que não me gerava incômodo algum quando mal conseguia disfarçar a irritação com o mais breve cumprimento vindo de qualquer outra pessoa. Riscos roxos escorreram dos meus olhos, e dos dele também.

Os azulejos cozinhavam nas paredes que insistiam em reter o calor. Chorando, Branco atravessou as solas dos meus pés com as mãos, ou pelo menos foi o que senti. A massagem durou algum tempo, até que ele abraçou minhas panturrilhas e ficamos assim, imóveis, sem nada a dizer. Com a proximidade do pôr do sol, enfim nos levantamos, decididos a não revelar o segredo da *White Tears* e continuarmos o trabalho de sempre, juntos.

“*Tupã uiku paranã upé*[3]”, ele disse. “Vamos”.

E saímos correndo até o final da Xavier de Mendonça, rumo ao rio. ❮

[3] "Deus está no rio".

Divulgação

**Susy Freitas** nasceu e vive em Manaus (AM). É autora dos livros de poesia *Véu Sem Voz* (Bartlebee), *Carrego Meus Furos Comigo* (Urutau) e *Alerta, Selvagem* (Patuá), que venceu o Prêmio Literário Cidade de Manaus. Atua como editora na revista amazonense *Torquato*. O conto "White tears" abre o livro *Madnaus*, sua estreia na prosa, que em breve será publicado pela Editora Reformatório.

# Cinco perguntas para:

Ana Martins Marques

Gustavo Silveira Ribeiro

Julia Raiz

Ricardo Corona

Veronica Stigger

Guilherme Gontijo Flores

Simone Brantes

Luci Collin

por equipe do Jornal Cândido

Anderson Tozato

Entre os dias 23 e 28 de outubro aconteceu a sétima edição da Festa Literária da Biblioteca Pública do Paraná (Flibi), com o tema Mil Vezes Literatura. Por aqui passaram Ana Martins Marques, Guilherme Gontijo Flores, Gustavo Silveira Ribeiro, Julia Raiz, Luci Collin, Ricardo Corona, Simone Brantes e Veronica Stigger. Confira a minientrevista concedida ao Jornal Cândido.

Kaw Penas

## Ana Martins Marques

**Qual seu livro de cabeceira?**

É difícil porque eu tenho muitos livros que ficam na cabeceira em momentos diferentes. Mas acho que se for um, assim, da vida, é o *Grande Sertão Veredas*. (João Guimarães Rosa).

**Qual seu filme preferido?**

Eu vou escolher um filme que me marcou muito na adolescência, que é *Asas do Desejo*, de Wim Wenders.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

É difícil dizer o que eu gostaria de ter escrito porque tenho que pensar também qual livro eu seria capaz de escrever. Mas se eu pudesse escolher qualquer livro, acho que eu escolheria algum do Drummond. Talvez o *Claro Enigma*.

**Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu**

Acho que Adília Lopes. É uma poeta portuguesa que quando eu li, falei: "nossa, a poesia pode ser isso também?". É uma poeta que eu gosto muito e que me ampliou a ideia do que era poesia e do que era literatura.

**Literatura para você é?**

É uma forma de estabelecer uma conversa ao longo de muitos séculos e todos os espaços. É uma espécie de conversação através dos tempos.

Kraw Penas

## Gustavo Silveira Ribeiro

**Qual seu livro de cabeceira?**

Claro Enigma, de Carlos Drummond de Andrade.

**Qual seu filme preferido?**

*Bom Dia, Noite*, de Marco Bellocchio.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

*Galáxias*, de Haroldo de Campos

**Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu**

Mais recentemente, Aline Motta, escritora e artista visual carioca. Autora de *A Água é Uma Máquina do Tempo*.

**Literatura para você é?**

Minha vida. Não consigo me imaginar sem ler, escrever, pensar. E eu sou crítico, não sou escritor, mas vivo de literatura como professor, como leitor por prazer... sempre cercado de livros.

Anderson Tozato

**Julia Raiz**

## Julia Raiz

**Qual seu livro de cabeceira?**

Meu livro de cabeceira que está sempre perto de mim e que transborda para os meus sonhos é *Treino e(m) Poema*, do Kazuo Ohno.

**Qual seu filme favorito?**

Eu não tenho, eu acho, um filme preferido, mas eu gosto muito de *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

Eu gostaria de ter escrito algum dos livros da tetralogia da escritora italiana Elena Ferrante.

**Indique algum escritor ou escritora que te surpreendeu.**

Eu vou indicar a Malu Grossi Maia, uma poeta e atriz de Belo Horizonte.

**Literatura para você é?**

Energia vital.

Anderson Tozato

## Ricardo Corona

**Qual seu livro de cabeceira?**

*Retrato dos Meidosems*, do autor Henri Michaux.

**Qual seu filme favorito?**

*Rapsódia em Agosto*, de Akira Kurosawa.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

*Retrato dos Meidosems*.

**Indique algum escritor ou escritora que te surpreendeu.**

Wislawa Szymborska, polonesa que ganhou o Prêmio Nobel e já tem dois livros publicados no Brasil.

**Literatura para você é?**

Vida.

Anderson Tozato

## Veronica Stigger

**Qual seu livro de cabeceira?**

Acho que *Esperando Godot*. (Samuel Beckett)

**Qual seu filme favorito?**

Têm vários, mas eu me lembro de cabeça de *E.T.*; *Bar Esperança*. Fico por aí.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

Ah, essa é boa. Livro eu não sei, mas eu gostaria de ter escrito o conto *O Sul*, do Borges.

**Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.**

Malcolm Lowry!

**Literatura pra você é?**

Abismo.

Anderson Tozato

## Guilherme Gontijo Flores

**Qual seu livro de cabeceira?**

Meu livro de cabeceira é provavelmente Homero, *Ilíada* e *Odisseia*.

**Qual seu filme preferido?**

Difícil para mim responder filme, mas, eu tenho a impressão que é *O Demônio das 11 Horas*, de Jean-Luc Godard.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

Queria ter escrito os poemas de Safo.

**Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.**

Eu acho que, na minha formação, o que me surpreendeu foi ler a Coleção Vagalume. Foi minha entrada para a literatura, mas não sei dizer qual foi o primeiro livro da coleção que eu li. Fiquei flertando com aquilo por muito tempo.

**Literatura para você é?**

Um modo de lançar mais vida na vida.

Kraw Penas

## Simone Brantes

**Qual seu livro de cabeceira?**

Atualmente é *Guerra e Paz*. Eu acordo duas ou três vezes por noite e, a cada intervalo, entre os sonos, eu leio *Guerra e Paz*.

**Qual seu filme preferido?**

*O Sopro no Coração*, de Louis Malle.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

*O Livro da Selva*. (Rudyard Kipling).

**Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.**

Danielle Magalhães.

**Literatura para você é?**

Aquilo que eu leio e que me dá vontade de escrever.

Luci Collin

## Luci Collin

**Qual seu livro de cabeceira?**

Meu livro de cabeceira é um romance que se chama *Avalovara*, do autor brasileiro Osman Lins.

**Qual seu filme preferido?**

São muitos, eu não saberia indicar um, mas, assim, de memória, eu vou dizer um filme importante: *Zelig*, do Woody Allen.

**Qual livro você gostaria de ter escrito?**

Tem um livro que se chama *Tender Buttons*. Ele foi traduzido agora como *Botões Tenros*. É um livro da Gertrude Stein, um livro que eu gostaria de ter escrito. É muito intrigante.

**Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.**

Cortázar, Gertrude Stein... James Joyce, sempre.

**Literatura para você é**

Uma das fontes mais pulsantes de promoção de um encontro de divisão de apreensões. Então, a literatura vai suscitar esse encontro, mas também vai suscitar uma transformação. Ela é pequena, ela não é imensamente impactante. Mas ela é muito profunda. Então, para mim, a literatura é essa grande oportunidade de encontro.

# Astor

Sergio Mello

1.

Uma revolução que se levanta da incapacidade
de se falar a língua de onde se nasce.
E no cruzamento entre as ruas Luz Arenosa e
Batente Mareado — a pobreza, essa escadaria interminável:
um degrau sim, arcada, um degrau não, outra arcada etc.
—, anos em revoada, busto nuclear.

Pertencer um dia à Nova York dos italianos
azeitados (nunca a mim mesmo),
embora incapaz de odiar
o tango que fez meu pai chorar uma única lágrima
que pesava um ídolo morto numa queda de avião em Medelín.

Assim como combustíveis fósseis
deixam o céu de outono tão doce
quanto um furúnculo
(ou como se toda a América do Sul tivesse nascido do mesmo
[zíper),
o mar, a se punir com suas próprias glândulas (demão do
[amanhã),
nunca foi tão prata; tampouco branco, Bach, e carmim, Mozart.

2.

Uma revolução erguida pelo direito de se falar
a língua da terra escolhida para se pescar.
E na Flores Negras, altura da Praça Mandíbula Stravinsky,
onde fadas são índias loiras,
Miles Davis fuma, ensanguentado feito uma bromélia.

Deixar que te sele a carne (em vão) uma orquestra.
Para que, entre o trato alfandegário de taxistas
a praguejarem que me chova a lona da morte
e as trocas de socos agendadas com *tangueros* perucas de maçã,
reste sempre esse azedume de amendoim japonês,
verniz de todas as virilhas em asa,
a me crepuscular desde a ponta a língua.

Meus filhos querem me ver
pelas costas, a vanguarda nunca atingirá a maioridade
do tilintar de pinças, sopinha de giz e fardão
dos que venceram, orgulhosos, um sabe-se lá o quê,
com seus vultos de saúde derramada.
Toco nas menores salas de concertos de Mar del Plata,
metade das cadeiras vazias.

E sob a lua, o mais portenho dos corpos,
atrás de nuvens de minissaias,
nuvens negras brancas —
e através do linho isabel dessa tenda
de antiguidades chamada Buenos Aires
—, em vez de alma arrefecida, garfo de varrer.

À Paris de Nadia Boulanger!
Proa febril, passos de mesa, meias de algas,
insone feito um panda, a cavar meus amuletos
para um dia finalmente poder enxaguá-los nos chás
do Candomblé.

3.

Um levante que atravesse o tempo que ainda tenho
de vida: o equivalente a uma semana,
quando se está no cume de uma acne elétrica.
E entre a Aníbal Troilo e a Osvaldo Pugliese,
mais precisamente diante da Torre Milton Nascimento,
mesmo depois de ter aterrissados os discos aéreos do corpo,
crer que o mundo, se dividido,
e somente assim,
quase chega a ser a minha gangue.

“Como você gostaria de morrer?”
Pergunta-me a repórter.
Estou velho, pararam de me cuspir.
A Morte nada mais é do que ser salvo
de alguém que o havia salvado;
a Felicidade, um mar apinhado de tubarões.

E no horizonte uma nau arruivada pelo amanhecer
regressa do futuro, como de um beijo ou do sono,
empunhando arma inédita só não mais letal que sêmen.

Estou velho, pararam de me cuspir e ainda manco
como um garotinho.
Bertolucci quer que eu componha o seu Último Tango,
Mick Jagger tenta tirar Adiós Nonino ao piano
em seu castelo localizado no tutano de um nevoeiro.
A música de Piazzolla se parece com nada
mais do que a si mesma, diz o New York Times,
e isso é o suficiente.

"Astor?"
Insiste a repórter, voz rarefeita.
"Como você gostaria de morrer, Astor? Dormindo?"
Estou velho, fechado num Armani preto,
num quarto de paredes nuas como um rosto sem olhos.
Pararam de me cuspir — Dormindo não.
Pararam de me cuspir — Dormindo nunca!
Quero morrer violentamente...

Divulgação

**Sergio Mello** nasceu em São Paulo, em 1977. É autor de *No Banheiro um Espelho Trincado* (Ciência do Acidente, 2004), *Inimigo em Testamento* (Soul Kitchen Books, 2013) e *Puma* (Corsário-Satã, 2018). Além de poeta, é roteirista e dramaturgo.

# Ritmo & poesia

Danielle Freitas

**Danielle Freitas** é fotografa, poeta e trabalha com Design Gráfico. Faz parte da comunicação e organização da Batalha da Menô, que acontece toda semana no bairro Boqueirão, em Curitiba. Desde 2022, fotografa batalhas de rima pela cidade.

**MC Naju rimando contra Nyx na Batalha da Menô. Edição de 12 de outubro de 2023**

Duelo entre Kamaike e Vaz na Batalha da Menô. Edição de 12 de outubro de 2023

Apresentador Handal "puxando grito" na Batalha da Menô. Edição de Trap de 20 de julho de 2023

Mel e Wuell antes do duelo na Batalha da Menô. Edição de 17 de agosto de 2023

Duelo entre Zaraki e Obeil na Batalha da Menô na Praça dos Menonitas. Edição de 28 de setembro de 2023

Naju duelando contra Kakashi na Batalha da Menô. Edição de 12 de outubro de 2023

Apresentador Handal "puxando grito" e a plateia em êxtase na Batalha da Menô. Edição de 4 de maio de 2023

MC Cris "atacando" seu adversário na Batalha da Menô. Edição de 4 de maio de 2023

Apresentador Handal "puxando grito" na Batalha da Menô. Edição de 10 de agosto de 2023

Abraço entre Allan e Onyx após a Batalha da Menô. Edição Red Bull FrancaMente de 22 de junho de 2023

**EXPEDIENTE**

Governador do Estado do Paraná
**Carlos Massa Ratinho Junior**

Secretária da Cultura do Estado do Paraná
**Luciana Casagrande Pereira Ferreira**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná
**Luiz Felipe Leprevost**

Editora
**Marianna Camargo**

Redação
**Luiz Felipe Cunha**
**Maria Coelho**

Pesquisa
**Valéria Bittencourt**

Estagiário
**Francisco Camolezi**

Design Gráfico
**Rita Solieri**

Diagramação
**Junior Milek**

Colaboradores desta edição
**Ana Martins Marques, Arthur Dantas Rocha, Bface, Caio Fernando Abreu, Danielle Freitas, Guilherme Gontijo Flores, Gustavo Silveira Ribeiro, Julia Raiz, Lorraine Assis, Luci Collin, Marcus Vinícius Soares da Costa, Mustapha Said, Salve Samuca, Suzy Freitas, Sergio Mello, Simone Brantes, Ricardo Corona e Veronica Stigger**

Ilustração de capa
**André Firmiano**

Cândido

**imprensa@bpp.pr.gov.br**

**candido.bpp.pr.com.br**

**instagram.com/candidobpp**

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA